

## ATRAVESSAMENTOS DOS PADRÕES DE BELEZA NA VELHICE FEMININA CONTEMPORÂNEA

**Amanda Sisnando Lopes**

Discente – amanda.lopes@aluno.unifametro.edu.br

**Glória Carolina da Frota de Assis Ribeiro**

Discente– gloria.ribeiro@aluno.unifametro.edu.br

**Vitoria Jenifer Rodrigues Maia**

Discente – vitoria.maia@aluno.unifametro.edu.br

**Maria Zelfa de Souza Feitosa**

Docente – [zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br](mailto:zelfa.feitosa@professor.unifametro.edu.br)

**Área Temática:** Psicologia do desenvolvimento humano.

**Área de Conhecimento:** Ciências da Saúde.

**Encontro Científico:** XIII Encontro de Iniciação à Pesquisa

### RESUMO

**Introdução:** O envelhecimento é um processo natural marcado por mudanças fisiológicas e sociais, atravessado por discursos estéticos normativos que, na contemporaneidade, reforçam estigmas sobre a velhice, desvalorizando-a, sobretudo no corpo feminino. **Objetivo:** O objetivo deste estudo é discutir as implicações dos padrões e pressões estéticas, veiculados pela mídia e o mercado de consumo, sobre a velhice feminina, na sociedade contemporânea. **Metodologia:** A metodologia utilizada consiste em uma revisão bibliográfica, realizada nas bases Scielo, Pepsic, IBGE, Portal do Envelhecimento e em livros, acerca das produções que abordam a velhice, a mídia e a estética feminina, sob uma perspectiva da Psicologia. **Resultados:** Os padrões estéticos voltado a juventude e a magreza, transformam a velhice como inadequada diante de tantos meios de se prolongar a aparência jovem, limitando assim, as formas individuais de se relacionar com o próprio corpo. Essas condições atravessam em maior intensidade os sujeitos que se entendem no feminino, diante da história de opressão e submissão, que atualmente é representada com a “ditadura da beleza e o culto ao corpo”. **Considerações finais:** Conclui-se que os objetivos de crítica ao culto ao corpo jovem foram alcançados, diante das considerações atuais de afetos do sujeito idoso, da condição histórica que coage as mulheres a se adequarem e a mídia como reforçadora dessas condições. Entretanto, as limitações do estudo impediram abordagem de demais nuances da velhice. **Palavras-chave:** Velhice; Padrões Estéticos; Corpo; Mulher.

## INTRODUÇÃO

O ser humano é marcado por uma série de mudanças fisiológicas naturais e inevitáveis ocasionadas pelo tempo, como o processo de envelhecimento. Envelhecer, de acordo com Neri (2004), é o declínio das funções biológicas, da plasticidade e da resiliência, o que se reflete no aspecto físico do indivíduo, a pele adquire rugas e flacidez, o metabolismo torna-se mais lento, surgem cabelos brancos, entre outras alterações, entretanto, é possível preservar e adquirir ganhos evolutivos, como no afetivo e no intelectual. A expectativa de vida está aumentando em todo o mundo e, segundo o IBGE (2022), no Brasil, a taxa de envelhecimento subiu de 30,7 para 55,2 pessoas com 65 anos ou mais para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Esse crescimento significativo indica que a população está vivendo mais tempo e que a proporção de idosos em relação às crianças está aumentando rapidamente, trazendo importantes implicações sociais, econômicas e de saúde pública, e demandando políticas e estratégias que promovam qualidade de vida, autonomia e inclusão social para os idosos.

Vale ressaltar que a idade, apesar de geralmente associada, não é um determinante de má qualidade de vida. A autonomia, a independência e a participação ativa na sociedade podem garantir um envelhecimento pleno de significado, entendido como um processo onde o indivíduo mantém seu bem-estar físico, emocional e social, preservando sua identidade e encontrando propósito ao longo da vida (Paschoal, 2002). Neri (2004) afirma que, diante dessas mudanças, o sujeito tende a se ligar mais às características sociais e culturais do contexto em que está inserido, buscando formas de se adaptar e se integrar à sua realidade.

Atualmente, a cultura ocidental é marcada pelo chamado “culto ao corpo jovem”, que produz normas de adequação social propagadas pelas mídias e define a “beleza ideal” como sinônimo de juventude e magreza (Lopes & Mendonça, 2016). especialmente sobre o público feminino, que se torna alvo de julgamentos e exclusão. A pressão estética não incide de maneira uniforme, é intensificada por questões de gênero e idade, de modo que a mulher idosa é duplamente penalizada: por um lado, sofre a imposição de padrões de beleza historicamente definidos pelo olhar masculino, sendo avaliada principalmente por sua aparência física; por outro, enfrenta a estigmatização da velhice, quando sinais naturais da idade são vistos como declínio ou perda de valor social.

As mulheres saíram da posição de domésticas e oprimidas, conquistando espaços e direitos no trabalho e na sociedade; contudo, na contemporaneidade, permanecem submetidas à “ditadura da beleza e do culto ao corpo”, termo de Ribeiro (2012, p. 1), “a qual exige das representantes femininas sacrifícios para obter status e prestígio, bem como para manter-se

belas, jovens e sedutoras”, evidenciando a maneira intrínseca com que as normas sociais moldam e restringem suas vidas.

Na pesquisa de Paschoal (2002), observa-se que a longevidade é muito almejada entre jovens e adultos-jovens, contanto que não implique em tornar-se dependente ou envelhecer de forma visível. Ele questiona: “Como se isso fosse possível! Não é possível envelhecer sem ficar velho. Pelo menos no estado atual do desenvolvimento tecnológico”. Atualmente, casos como a da CEO e influenciadora Kris Jenner, aos 69 anos, exemplificam essa busca pela juventude prolongada; ela posa para a Vogue (2025) com um rosto rejuvenescido, incentivando outras mulheres a realizarem procedimentos como lifting facial, que elimina rugas e flacidez, como sinônimo de satisfação; , “isso é envelhecer com elegância, minha versão”, afirma Kris, refletindo a pressão social para se enquadrar em padrões estéticos.

O conhecimento tecnológico avançou de modo a aumentar a qualidade e expectativa de vida , ao mesmo tempo em que impulsionou um mercado estético capaz de modificar o corpo e manter uma aparência jovem e magra como sinônimo de autocuidado. Tornou-se comum a negociação de procedimentos cirúrgicos, muitas vezes dolorosos, invasivos e com risco à saúde, em troca da aproximação do corpo ao padrão estabelecido. Mídias como TV, revistas, outdoors e redes sociais apresentam de forma quase normativa a contratação de corpos que se enquadram no padrão de beleza, controlando não apenas o consumo, mas também a percepção de como se deve ser. Esse cenário reforça a associação da falta de padronização corporal à negligência, limitando formas alternativas de relação do sujeito com o próprio corpo (Fontenele e Costa, 2019).

Ao confrontar-se com imagens amplamente divulgadas de corpos moldados por procedimentos estéticos e digitalizações, o sujeito entra em um ciclo de comparação e insatisfação com o corpo natural, buscando aceitação social e felicidade por meio do consumo de produtos e procedimentos (Ribeiro, 2012)

O imperativo da juventude eterna e da vitalidade ilimitada coloca os idosos, especialmente as mulheres, em posição de desajuste frente às expectativas sociais. Assim, o envelhecimento passa a ser lido não como continuidade da vida, mas como falha, declínio ou doença, marcando um processo de patologização do envelhecimento. Segundo estudo de Pocahy (2021), a patologização ocorre quando características naturais do envelhecimento, como a aposentadoria e a redução da atividade física, são interpretadas como sinais de incapacidade ou perda de valor, em vez de serem reconhecidas como fases naturais da vida. Esse processo é reforçado por representações sociais que associam a velhice à inatividade e à

dependência, negligenciando aspectos positivos como a experiência e a sabedoria adquiridas ao longo dos anos. Tais representações contribuem para a marginalização dos idosos, especialmente das mulheres, que enfrentam duplamente a pressão estética e a estigmatização do envelhecimento. (Pocahy, 2008)

Portanto, considerando o histórico e o impacto dos padrões estéticos e da patologização da velhice, sobretudo sobre o público feminino, e sua relevância para a sociedade e para os saberes da Psicologia, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a patologização da velhice na sociedade contemporânea. Os objetivos específicos são: discutir as implicações dos padrões e pressões estéticas, veiculados pela mídia e o mercado de consumo, sobre a velhice feminina, na sociedade contemporânea.

## **METODOLOGIA**

Esta produção presente de pesquisa qualitativa, contou para sua construção com três escritoras, mais o suporte da Professora Zelfa de Psicologia Social. Com isso, a construção deste estudo teve a duração de dois meses, realizando apanho teórico por meio de uma revisão bibliográfica em sites como Scielo, Pepsic, IBGE e Portal do Envelhecimento, lendo livros e artigos científicos acerca das produções que abordam a velhice, a estética, a mídia de divulgação e o feminino, em uma análise de conteúdo sob uma perspectiva da Psicologia, com enfoque em de quais formas estas se relacionam socialmente.

Para chegar nesses resultados houve uma análise de 19 artigos científicos, sendo sete destes descartados por aprofundarem conceitos que fogem do estipulado e que a dissertação excederiam as limitações de espaço deste estudo.

Foram analisados apenas conteúdos produzidos a partir dos anos 2000, devido os grandes avanços tecnológicos que popularizaram a internet e os celulares, alterando as formas sociais de se comportar e se relacionar. As palavras chaves das quais geraram interesse na leitura foram: Corpo; Feminino; Estética; Consumo; Jovem; Velhice

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados da presente revisão bibliográfica dos estudos até então analisados, evidenciam que a velhice, uma fase natural da vida, vem sendo socialmente patologizada por estruturas de consumo e normatividade. Os avanços tecnológicos ao mesmo tempo que aumentam a longevidade da vida, assim crescendo o número de idosos, associa esses sujeitos a declínio e falha diante de inúmeros procedimentos estéticos que mantêm a aparência física

jovial. A mídia, além de facilitar o encontro destes, reforça a marginalização, com exibição de corpos com aspectos de moldados que exalem juventude.

Quando analisado no âmbito do feminino, é possível associar a repressão histórica vivenciada pelas mulheres, que eram postas como adereços dos homens, na atualidade, com a ditadura da beleza e do corpo jovem, onde o homem não possui o mesmo poder de dominância, mas há a presença de um Grande Outro que dita como se deve parecer. O corpo feminino virou seu próprio adereço, o sujeito tornou-se refém da própria aparência física. Revelando que apesar das conquistas de espaços sociais ainda se é atravessado por estigmas que desejam rotular e minimizar as individualidades.

No começo do século XX, havia um movimento médicos-sanitaristas que impunha homens e mulheres em padrões sociais voltados ao bem-estar da família, que envolvia função, sexualidade e papéis sociais. O feminino representava o significante maior de bons costumes e moral, sendo ela a responsável pela manutenção da “higiene” da família. O aspecto saudável do seu corpo significava conduta ética e higiene, e sua beleza estava diretamente atrelada ao bom funcionamento do aparelho reprodutivo (Souza, 2007). Apesar de tais condutas moldarem de forma relevante a forma de como as mulheres enxergavam e se relacionavam com o próprio corpo, na década de 50 houve um movimento de emancipação das exigências médicos-sanitaristas do discurso da beleza feminina, desassociando tão-só à maternidade. A partir desse momento o “embelezar-se” vira, principalmente, escutar as demandas do próprio corpo e um sentimento de prazer de auto cuidar-se.

Atualmente as mulheres renovam seus corpos, alimentando suas vaidades com cosméticos, salões de embelezamento, academia, dietas, cirurgias e procedimentos com o entendimento de autocuidado, mas nota-se que com o passar dos anos esse conceito foi manipulado, esses supostos cuidados com a auto-imagem assumem uma posição relevante ao Culto ao Corpo (Souza, 2012). Na contemporaneidade, considerando os atravessamentos femininos, se é possível identificar as diferenças entre aquelas que alteram o corpo como forma de autocuidado, para aquelas que se tornaram vítimas da patologização, reproduzindo padrões anteriormente estabelecidos?

As mídias sociais caracterizam-se por formar um espaço onde diversas imagens e ideias são exibidas a uma massa de telespectadores, como por exemplo, o Instagram, responsáveis por dar força ao imaginário e ao ego humano, instigam a imaginação e o desejo por deliberadas existências. A rede digital comentada é sustentada por publicações de fotos e vídeos, um campo ideal para a glorificação e ostentação do corpo, assim, torna-se constante a presença dos

estigmas que definem os padrões de beleza socialmente valorizados (Moreira & Bezerra, 2021). Diante disso, há uma dinâmica de espetáculo e consumo da beleza, uma espécie de disputa interna com o outro, no desejo de apresentar-se com o corpo mais escultural; nesse sentido, o corpo não se encontra, não se é, o corpo se alcança.

Esses atravessamentos atingem as pessoas idosas não só levando a alterarem sua aparência física, como atinge sua subjetividade e identidade, influenciando o entendimento que o sujeito contém dessa fase natural da vida. O idoso é discriminado sobretudo pelo seu corpo, face a interpretação social de corporatura ser atrelado com higidez. Marcadores dessa fase como andar devagar, utilização de muletas são interpretadas como falta de saúde, o que o senso comum entende como algo controlável, acarretando estereótipos de quem se encontra nessas condições não cuidou devidamente de si, com dietas, treinos etc, em outras palavras, limitando as formas alternativas de se relacionar com o próprio corpo, não considerando os estigmas financeiro, social e político que rodeiam e restringem as opções de um indivíduo. Esses enquadramentos são constituídos de forma múltipla e coletiva, abarcando discursos cotidianos, biomédicos, científicos e midiáticos que reduzem os idosos aos seus corpos, estabelecendo os tipos de velhice aceitáveis, reconhecidas e valorizadas dentro da sociedade (Ribeiro, 2019).

Conclui-se que a contemporaneidade é marcada por um forte movimento narcísico de culto ao corpo jovem e esbelto, que exclui quem não se enquadra nas exigências incentivadas pelas mídias sociais e discursos cotidianos. O corpo com características velhas é entendido na sociedade como errôneo, alterando o sentido que essa população interpreta o próprio estado de vida; e o corpo feminino um que deve se enquadrar. Nessas condições, a mulher, em maior intensidade que o homem, se encontra em estado de perda de identidade diante das mudanças naturais do seu próprio corpo, uma vez que esse é marcado por vigilâncias e truques de esconder o que a cultura define como imperfeição e falta de feminilidade (Souza,2007).

Portanto, o estudo reforça a necessidade de práticas que acolham e valorizem a experiência do envelhecer, reconhecendo os impactos subjetivos da pressão estética. Intervenções voltadas à promoção da aceitação corporal, ao fortalecimento da identidade e à crítica aos padrões sociais são caminhos possíveis para enfrentar o adoecimento subjetivo.

Finalmente, cabe destacar que os resultados aqui discutidos demonstram como a patologização da velhice feminina se articula a fatores sociais, históricos, culturais e econômicos. O envelhecimento, longe de ser apenas uma etapa biológica, é atravessado por discursos normativos que moldam a forma como os sujeitos se percebem e são percebidos. No caso das mulheres, esse atravessamento é marcado pela intersecção entre gênero e idade, o que

exige uma abordagem crítica e interseccional para a compreensão e superação das desigualdades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi discutir a patologização da velhice no feminino por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Entretanto, é importante ressaltar as limitações do estudo, já que não foi possível abarcar todas as nuances que envolvem o processo da velhice. O intuito principal deste estudo é acrescentar material bibliográfico para o desenvolvimento posterior da temática.

Os principais achados indicam que a patologização da velhice se constrói a partir da influência da mídia e das expectativas sociais impostas às mulheres em torno da manutenção de um corpo jovem e belo. O estudo contribuiu para a compreensão de um dos aspectos sociais pelos quais a velhice é patologizado, buscando romper com o paradigma que associa a velhice ao declínio da beleza feminina e da vitalidade.

Por fim, considera-se que este estudo pode contribuir para subsidiar futuras investigações sobre envelhecimento, culto à beleza e estigmas sociais relacionados à velhice.

## REFERÊNCIAS

ARNAUT, M. Kris Jenner on Power and Beauty: “This Is Aging Gracefully, My Version”. *Vogue*, 2025. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/kris-jenner-aging-interview>. Acesso em: 20 set. 2025.

BATISTA, F; TEIXERA, D. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento Interdisciplinares sobre Envelhecimento, Corporalidade e Mídia*. Catu: Bordö Grena, 2021. *E-book*.

BRITTO, V.; GOMES, I. **Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos.** 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 07 de set. de 2025.

FONTINEL, T. A Normatização do Corpo Feminino e os Modos de Subjetivação na Contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, v. 20, n. 1, 12 mar. 2020.

LOPES, F; MENDONÇA, S. *Ser Jovem, Ser Belo: A Juventude Sob Holofotes na Sociedade Contemporânea*. *Revista Subjetividade*, v. 16, n. 2, 2016.

MOREIRA, A. J. *et al.* Discriminação Estética. *Revista Direito e Práxis*, v. 14, p. 1934–1959, 2023.

NERI, M. L. *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. *Psico-USF*, v. 9, n. 1, p.

109–110, 1 jun. 2004.

POCAHY, Fernando *et al.* **A (nova) patologização da velhice na CID-11: uma abordagem pós-crítica e interseccional sobre o (des)governo das idades.** Seminário Internacional Desfazendo Gênero. *Anais*, 2021.

RIBEIRO, A. A. V. **Da bela velhice às velhinhas de bengala: narrativas sobre envelhecimento, corpo, gênero e menopausa.** USP, 2018.

RIBEIRO, M. *Publicidade, Cultura de Consumo e Estética Feminina.* **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2011.

SOUZA, K. C. V. *et al.* **O feminino na estética do corpo: uma leitura psicanalítica.** Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2007.

Ritidectomia. *Wikipédia*, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ritidectomia>. Acesso em: 22 set. 2025.

**ATENÇÃO: O trabalho deverá ter entre 5 (cinco) a 7 (sete) laudas e seguir as seguintes especificações:**

**Título:** Arial ou Times New Roman tamanho 14; Negrito; Caixa Alta; Centralizado.

**Subtítulos (autoria):** Arial ou Times New Roman, 12 – negrito;

**Subtítulos (instituição e email):** Arial ou Times New Roman, 10;

**Corpo do texto:** Arial ou Times New Roman 12;

**Espaço entrelinhas:** No corpo do texto, antes e depois 0pt e entre linhas 1,5;

**No Resumo:** entrelinhas simples.

**Notas de rodapé:** Arial ou Times New Roman 10.